

JOSÉ MARIA RODRIGUEZ RAMOS

A CARIDADE

COMPREENDER, PERDOAR,
ESCUTAR



QUADRANTE

Copyright © do Autor, 2025

Capa
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ramos, José Maria Rodriguez

A caridade: compreender, perdoar, escutar / José Maria Rodriguez Ramos — São Paulo: Quadrante, 2026.

ISBN: 978-85-7465-946-6

1. Amor cristão I. Título

CDD-241.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Amor cristão 241.4

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

CARIDADE E FELICIDADE.....	7
COMPREENDER.....	15
PERDOAR	27
ESCUTAR	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

“O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor; amarás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu espírito e com todas as tuas forças. Eis aqui o segundo: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que esses” (Mc 12, 29-31).

“A caridade é paciente, a caridade é bondosa. A caridade não é invejosa, não é temerária, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor pelo mal sofrido, não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13, 4-7).

CARIDADE E FELICIDADE

No fim do dia, ao chegar em casa, o pai indagou ao filho:

— Você já fez alguma boa ação hoje?

— Sim, pai.

— E está satisfeito?

— Sim.

— E o que você fez de bom, meu filho?

— Ajudei uma velhinha a atravessar a rua.

— E foi fácil?

— Não foi, não, pai. A velhinha não queria atravessar a rua de jeito nenhum!

Com frequência imaginamos que a melhor ajuda a prestar aos outros é remediar suas necessidades físicas, como

ajudar idosos a atravessar a rua. Também é comum identificar a caridade com a simples ajuda material. Ficamos satisfeitos em colaborar com a Campanha do Agasalho, com a contribuição econômica dada a uma instituição beneficente, com a doação de brinquedos para uma festa de Natal em prol de certa comunidade carente...

De fato, essas iniciativas são louváveis e merecem todo o nosso apoio, porém, quem se sentir satisfeito e justificado por contribuir apenas materialmente para remediar as privações alheias está longe de perceber as verdadeiras necessidades dos outros e de contribuir para ajudar nossos parentes, amigos, colegas, vizinhos e concidadãos nas suas carências mais importantes.

A verdadeira caridade, “mais do que em dar, está em compreender”. É o que lemos no livro *Caminho* (n. 463), escrito por São Josemaria Escrivá. Aquilo de que mais precisamos

todos é ser compreendidos e sentir-nos queridos e amados. Trata-se de uma necessidade interior da nossa alma e do nosso coração que a simples ajuda física e material não consegue resolver. E é também por essa razão que com frequência o que mais nos causa dor é ser esquecidos.

Conta Viktor Frankl que, quando no campo de concentração, não via a bondade e maldade só de um lado da cerca de arame farpado:

Não podemos simplificar a coisas dizendo: “Os prisioneiros são anjos e os guardas, demônios”. Pelo contrário. Contrariando o que de modo geral é sugerido pela vida no campo de concentração, ser guarda ou supervisor e ter uma atitude humana para com os prisioneiros sempre é e será de certa forma um mérito pessoal e moral. Em contrapartida, é particularmente deplorável

a baixeza do prisioneiro que inflige um mal a seus próprios companheiros de dor. É claro que essa falta de caráter é mais dolorosa para os reclusos, da mesma forma como um prisioneiro, que é alvo do mais insignificante gesto humano que lhe fizer um integrante da guarda, fica profundamente comovido. Lembro-me de que, um dia, um capataz (não prisioneiro) furtivamente me passou um pedaço de pão. Eu sabia que ele só podia tê-lo poupado de seu café da manhã. O que me abalou a ponto de derramar lágrimas não foi aquele pedaço de pão em si, e sim o afeto humano que esse homem me ofereceu naquela ocasião, a palavra e o olhar humanos que acompanharam a oferta...¹

(1) Viktor Frankl, *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, pp. 111-112.

Santa Teresa de Calcutá conviveu durante décadas com a pobreza e a miséria de seres humanos que sequer tinham um lugar onde encostar a cabeça e morrer dignamente. O relacionamento diário com os mais miseráveis dos miseráveis nos quatro cantos do mundo lhe ensinou que a pior chaga da nossa civilização não é a pobreza ou a doença: “Nestes vinte anos que trabalho com pessoas, percebi que não ser querido por ninguém é a pior doença de que o ser humano pode padecer. Hoje em dia temos remédios para a lepra, e os leprosos podem curar-se, temos remédios para a tuberculose, e os tuberculosos podem ser curados; porém, acredito que ninguém pode curar-se da doença da falta de carinho, que somente pode ser remediada por umas mãos dispostas a servir e um coração que ama”.²

(2) Entrevista com Madre Teresa. *Nuestro Tiempo*, 1984.

A atitude egocêntrica, refratária à compreensão, é responsável por essa chaga social que as estatísticas não conseguem captar nem mensurar, mas que se espalha devastadora pela geografia do mundo, principalmente pelos países mais ricos e desenvolvidos. A explicação e a raiz dessa ferida é o comportamento egoísta de quem se fecha em sua torre de marfim, ignorando os apelos de quem bate à sua porta procurando compreensão e ajuda.

Os meios de comunicação descobriram um amplo segmento de mercado em promover o consumo egoísta. Comerciais e mídias sociais exploram o filão de mercado do egoísmo institucionalizado: “Seja egoísta, compre um apartamento só para você”, lia-se na propaganda de lançamento de um edifício, distribuída no cruzamento de duas importantes avenidas de uma grande cidade. “Hoje vou me dar um cineminha”, anunciava a propaganda de um *shopping center*.

De fato, na natureza humana está inscrita a possibilidade de acometer tarefas heroicas para servir os outros — e milhões de mãos anônimas são um exemplo diário disso —, mas também existe a triste possibilidade de perpetrar crimes abomináveis e cruéis. A história está repleta de mulheres e homens magnânimos, que superaram ingentes desafios a serviço dos outros, da sua família, do seu país; e a história também nos apresenta, infelizmente, grandes crápulas, covardes e traidores.

O egoísta contumaz, uma vez que todos somos capazes de atitudes mesquinhas e interesseiras ao longo da nossa vida, adota uma atitude habitual de cálculo egocêntrico, de indiferença em face dos outros, de satisfação individual dos próprios gostos e interesses. Deseja, acima de tudo, a própria segurança, o conforto físico e a estabilidade econômica. O seu relacionamento com os outros está marcado pela busca de si: de

sua ambição profissional, econômica, social, cultural...

Entretanto, eis o paradoxo desta vida: o que cada um faça ou deixe de fazer pelos outros não é indiferente à nossa própria felicidade. Muito pelo contrário. Como escrevia o filósofo dinamarquês Kierkegaard, a felicidade é uma porta que abre para fora — e, quando empurramos para dentro, emperra.

A felicidade de cada um de nós, em definitivo, depende dessa abertura para os outros.